

Revista Gepesvida

Edição Especial

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 12. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545.



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fábio Luiz Marian Pedro¹
Nicoly Dutra²
Renata Nunes³

RESUMO

Neste artigo visa apresentar a experiência dos estagiários no projeto de Residência Pedagógica (RP) do Centro Universitário Municipal de São José (USJ) dentro desse novo perfil. A ação pedagógica da RP teve como eixo principal contribuir e mediar o processo de alfabetização da turma do segundo ano do ensino fundamental, localizado no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo a fim de compreender a partir das observações, as necessidades das crianças do 2º ano do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo. Conseguimos por intermédio das observações e conversas com o grupo da RP identificar as dificuldades dos alunos, que estava relacionado com os aspectos da alfabetização. Pensando em tudo isso desenvolvemos nosso projeto voltado para esta área de conhecimento, sabemos que tivemos pouco tempo e que o processo de alfabetização é algo árduo e que deve ocorrer de maneira contínua, porém realizamos diversas atividades e momentos onde acreditamos ter alcançado nosso objetivo. A partir do referente artigo, pode-se concluir uma defasagem no processo de alfabetização da turma do segundo ano, porém, seria necessária para uma ampliação do tema referido, uma pesquisa em outras turmas, no caso o 1º 2º e 3º para investigar o processo de alfabetização da escola em questão. A RP foi muito significativa, nos proporcionando apoio em todos os momentos. Partindo dos conceitos teóricos, observações, planejamentos e reflexões, que se mantinham perante encontros entre acadêmicos, professores e preceptores.

Palavras-chave: Residência pedagógica. Alfabetização. Formação docente.

¹ Acadêmico da 6ª Fase do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José SC.

² Acadêmica da 6ª Fase do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José SC.

³ Acadêmica da 6ª Fase do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José SC.

Revista Gepesvida

ABSTRACT

This article aims to present the trainees' experience in the Pedagogical Residence (RP) project of the São José Municipal University Center (USJ) within this new profile. The pedagogical action of PR had as its main axis to contribute and mediate the process of literacy of the class of the second year of elementary school, located in the Maria Luiza de Melo Municipal School in order to understand from the observations, the needs of the children of the second year of the year. Maria Luiza de Melo Municipal College. Through observations and conversations with the PR group, we were able to identify students' difficulties, which were related to aspects of literacy. With all this in mind, we have developed our project focused on this area of knowledge. We know that we have had little time and that the literacy process is an arduous one that must take place on a continuous basis. From this article, it is possible to conclude a gap in the literacy process of the second year class, however, it would be necessary for an expansion of the referred theme, a research in other classes, in this case the 1st 2nd and 3rd to investigate the process. of the school in question. PR was very significant, providing us support at all times. Starting from the theoretical concepts, observations, planning and reflections, which were kept before meetings between academics, teachers and preceptors.

Keywords: Pedagogical residence. Literacy. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

As inúmeras transformações que vêm ocorrendo no trabalho docente e na organização escolar nas últimas décadas, especialmente a partir da Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada e em 2017 com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os fundamentos descritos na introdução da Base Nacional Comum Curricular explicitam as competências a serem desenvolvidas pelas crianças ao longo de sua escolaridade. Essas mudanças têm conferido destaque à formação inicial e continuada de professores, constituindo-se foco de diversos estudos e pesquisas.

De acordo com a BNCC de 2017, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 (LDB) já estabelece essa orientação:

[...] deixa claro dois conceitos decisivos para todo o desenvolvimento da questão curricular no Brasil. O primeiro, já antecipado pela Constituição, estabelece a relação entre o que é básico-comum e o que é diverso em matéria curricular: as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos. O segundo se refere ao foco do currículo. (BRASIL, 2018, p.9)

Revista Gepesvida

As DCN e a BNCC têm sugerido um perfil diferente de formação inicial e, conseqüentemente, uma atuação voltada para os estágios que se configure a partir de competências e habilidades. Dessa forma, o artigo em questão visa apresentar a experiência dos estagiários no projeto de Residência Pedagógica (RP) do Centro Universitário Municipal de São José (USJ) dentro desse novo perfil. A ação pedagógica da RP teve como eixo principal contribuir e mediar o processo de alfabetização da turma do segundo ano do ensino fundamental, localizado no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo.

A RP possibilitou conciliar a teoria estudada no curso de pedagogia, com a prática das salas de aula, nos proporcionando trocas de conhecimentos e aprendizagens tanto com as crianças quanto com as professoras, contribuindo assim para nossa formação enquanto futuros pedagogos. Para além do contato direto com a sala de aula, tivemos momentos de planejamentos com nossas professoras da Universidade em que podemos sanar dúvidas e compartilhar saberes antes de executarmos as tarefas planejadas. Tivemos também momentos de formação com as preceptoras no projeto de RP que veio a agregar muito para aprimorarmos a nossa prática docente.

A RP tem se configurado, USJ, um dos fatores mais importantes na formação docente, uma vez que sua função é a aproximar os residentes à realidade da escola. Gatti (2010) afirma que o início da docência, o licenciado vivencia a experiência do ensino e assume a responsabilidade da sala de aula. E, é nesse momento que se apropria das competências e para a iniciação nas rotinas de trabalho docente.

Além do contato com o campo, a RP nos proporciona os cursos de formação que sejam junto com as preceptoras ou com a orientadora do estágio. Em um curso que participamos sobre o processo de leitura e escrita, conseguimos resgatar importantes conceitos sobre alfabetização e letramento.

Todas as práticas de alfabetização realizadas na intervenção da RP mereceram atenção, pois sabemos que algumas das situações apresentadas emergem das dificuldades oriundas do processo de ensino-aprendizagem. Assim, a proposta da BNCC de 2017, para a alfabetização está relacionada ao período de até o término do segundo ano do Ensino Fundamental para estar concluída. Na BNCC de 2017 o processo de a alfabetização e de letramento é colocado como essencial e demanda a construção de estratégias pedagógicas

Revista Gepesvida

capazes de ancorar novas aprendizagens naquilo que a criança já sabe e é capaz de fazer, dando seguimento ao seu percurso educativo.

Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. (BRASIL, 2018, p.53-54).

A BNCC de 2017 evidencia que no período de alfabetização as crianças estão vivendo grandes mudanças que repercutem em suas vidas pessoais e sociais. E, assim, quanto maior for sua autonomia e criatividade, maior será sua participação no mundo letrado e novas construções de aprendizagens.

2 METODOLOGIA

A primeira etapa foi constituída de observações, de cunho participativo, visando à interação imediata com o grupo, procurando mediar determinados processos, sanando algumas dúvidas e dificuldades que as crianças encontravam durante as aulas. Contudo, a experiência das observações e suas anotações foram predominantes nesta fase inicial da residência. Segundo Ostetto (2008, p. 13):

Ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, toma-se um documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhe outros significados e projetando outros fazeres desejados e necessários. Por meio do registro, travamos um diálogo com a prática.

Chamou-nos atenção o fato de a maioria das crianças não conseguirem escrever e ler em letras cursivas, sendo assim, a partir das observações entendeu-se que seria importante o desenvolvimento do trabalho da leitura e escrita em letra cursiva nas intervenções.

Embora, de forma muito rápida - nas primeiras observações, tínhamos definido nosso ponto de intervenção, as observações seguintes fizeram-nos clarificar, ainda mais, a certeza do trabalho com a leitura e escrita em letra cursiva. Na intervenção procuramos trabalhar algumas dificuldades apresentadas por aquele grupo, com foco principal na alfabetização, que foi o que mais se necessitava naquele contexto.

A residência constitui-se em uma pesquisa participante, que se forma a partir de um trabalho em conjunto entre pesquisadores, acadêmicos, professores e comunidade

Revista Gepesvida

escolar. A referente pesquisa procura trazer contribuições para reflexões diante das necessidades dos grupos trabalhados e formação dos residentes enquanto professores iniciantes. Segundo Costa e Fontoura (2015, p. 165), “a formação deve constituir-se numa alternativa, numa possibilidade de criação de espaços de reflexão, partilha onde se aprende também a conviver com a mudança, com o imprevisível, com a incerteza”. A pesquisa participativa aproxima o residente da realidade do contexto em que o grupo pesquisado se encontra, dessa forma torna-se mais eficaz o processo de intervenção na busca das soluções dos problemas, entendendo problema como desafios, dificuldades ou rotinas do cotidiano da sala de aula.

Freire (2016) trata o cotidiano da sala de aula como um ambiente de transformações, que nas relações com a realidade, criam e transformam o modelo de sociedade a partir das ideias e concepções de homens e mulheres, transformadores e criadores.

3 DESENVOLVIMENTO

As observações, na etapa inicial do estágio, foram de fundamental importância no diagnóstico do contexto do nosso trabalho. Ao nos inserimos numa sala de aula com essa proposta de trabalho, estamos nos comprometendo profissionalmente e eticamente ao exercício da atividade de docência. Ao mesmo tempo, temos uma oportunidade de consolidar os estudos sobre docência, que aprendemos em sala de aula, por meio de uma prática pedagógica.

Broering (2008, p. 125) coloca que,

Essa inter-relação com professores em formação, e especialmente com a professora orientadora do estágio, é um campo de infinitas possibilidades de aprendizagens e reflexões. É, também, um espaço para a reafirmação de muitos conhecimentos adquiridos ao longo de tantos anos de trabalho junto às crianças.

A reafirmação dos conhecimentos adquiridos deve ser fermento ao debate e possibilidade de crescimento científico para o melhoramento do processo de ensino e aprendizagem. Um momento decisório para definição do trabalho de intervenção no estágio se deu na conversa com a professora regente, a escuta sobre os trabalhos

Revista Gepesvida

realizados com as crianças até aquele momento nos subsidiou de informações da realidade daquela turma.

Naquele momento do estágio - na observação - tivemos a chance de conhecer as necessidades daquela classe e, então, propor intervenções que pudessem agregar conhecimento e aprendizado para os alunos. Como dizia Weffort (1995, p. 14) “observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela”, e foi nessa tônica que definimos nosso campo de atuação das intervenções neste estágio.

Propusemos trabalhar atividades de língua portuguesa com o intuito de aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita das crianças que, embora estejam no segundo ano de alfabetização, percebemos que existe certa dificuldade de compreensão dos textos.

Um dos fatores que podem estar influenciando nesta dificuldade é a confusão no formato da escrita, já que não foi adotada uma forma única, ou seja, nas rotinas de sala de aula, às vezes escreve-se em letra de forma e outra vez escreve-se em letra cursiva. Trabalhamos essas dificuldades por meio de textos breves e animados, conhecidos popularmente como fábulas, a partir desse gênero literário iremos desenvolver habilidade para a escrita da letra cursiva, mitigando assim alguns erros ortográficos, além de auxiliar nas dúvidas referentes ao uso das letras do alfabeto.

Escolhemos trabalhar as fábulas já que possuímos pouco tempo hábil para a docência e também por serem textos onde encontramos lições de vida e ensinamentos morais, podendo assim associar essas questões com a vida cotidiana de cada criança, trabalhando de maneira interdisciplinar. Segundo a BNCC de 2017 a partir dos anos iniciais as crianças ampliam sua relação com o mundo, tornando-se um ser mais autônomo. A escrita é um meio significativo para a comunicabilidade, sendo assim, a compreensão da linguagem escrita é essencial para esse processo.

Conhecer o alfabeto nas suas variações gráficas, possibilita que as crianças compreendam que existem outros tipos de letras e as reconheça nos diversos ambientes, haja vista que seu convívio não se restringe a sala de aula. É preciso que o aluno explore todos os tipos de letra, não ficando submetido apenas a letra de forma.

Sabemos da importância de iniciar a alfabetização em letras de forma, porém, ao ser alfabetizado, é preciso inserir outros tipos de letras, já que seu uso é relevante para o

Revista Gepesvida

convívio social. Dessa maneira nos questionamos sobre como foi realizado o início da alfabetização, já que as crianças mostraram desconhecimento da letra cursiva. Segundo Brasil (2008), para ler e escrever é fundamental que a criança saiba diferenciar e identificar os diferentes tipos de letras.

Para além do uso das letras, é indispensável também propiciar momentos onde o aluno possa ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, assim ele irá desenvolver a sua compreensão, autonomia, fluência e seu lado crítico, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo (BRASIL, 2018).

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO DOS RESIDENTES

Nossa ação pedagógica foi desenvolvida no Colégio Maria Luiza de Melo, situado na Rua José Ferminio Novaes, Kobrasol – São José, foi fundado em 12 de novembro de 1988, e iniciou suas atividades em 1989, com a finalidade de atender aos anseios da comunidade em ter uma escola pública com garantia de um ensino de qualidade. Surgiu com a necessidade de atender a comunidade local evitando assim que as crianças fossem estudar em municípios vizinhos devido ao aumento da população e a falta de escola de ensino fundamental.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, possui uma área de 3.840 m², foi construído o primeiro prédio com 1.594,32 m² denominado de Bloco A. Este foi insuficiente para atender a demanda da comunidade local, construindo-se então o Bloco B, com 2.871,17 m². A população continuou crescendo e aumentou a necessidade de vagas na instituição, então, em caráter de urgência, em 1999 foi entregue o Bloco C com 1.685,59 m².

Esta instituição é de caráter público e municipal, possuindo uma boa infraestrutura para comportar seus alunos. O colégio contempla os anos iniciais e finais do ensino fundamental, com suas salas bem equipadas, contendo *datashow*, retroprojetor e ar condicionado na grande maioria das salas, elevador, cantina, bebedouros, espaços abertos e fechados para socialização, biblioteca e quadras esportivas.

A turma na qual ficamos responsáveis para desempenhar nossa residência pedagógica foi o segundo ano do ensino fundamental, composta por 22 alunos, divididos

Revista Gepesvida

pela metade. São críticos e questionadores, realizando perguntas sempre que surge alguma dúvida ou querem sanar alguma questão de seu interesse. Observamos também que na sua grande maioria, crianças apresentam uma tardança no processo de alfabetização, porém, mostram interesse e empenho perante a aprendizagem.

Ainda convém lembrar a importância da relação aluno e professor, assim como nos refere Freire (2016) não nos passamos despercebidos aos olhos das crianças e a leitura do comportamento do aluno perante o professor nos mostra como o mesmo está atuando, sendo assim, observamos o respeito e reciprocidade das crianças com a professora regente da turma. Taille, Oliveira e Dantas (1992) nos revela que a afetividade é como uma energia que nos conduz a ações, sendo assim, fica mais agradável à participação e a aprendizagem, conseqüentemente tornando-se algo significativo para aluno.

Ao serem examinadas algumas dificuldades no processo de alfabetização, proponha-se trabalhar atividades de Língua Portuguesa com o intuito de aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita das crianças que, embora estejam no segundo ano de alfabetização, percebe-se que ainda existe certa dificuldade na compreensão dos textos.

Um dos fatores que pode estar influenciando nesta dificuldade é a confusão no formato da escrita, já que não foi adotada uma forma única nas rotinas de sala de aula, hora escreve-se em letra de fôrma, hora se escreve em letra cursiva, fazendo com que a criança fique confusa. Pretende-se então, trabalhar essas dificuldades por meio de textos breves e animados, conhecidos popularmente como fábulas, a partir desse gênero literário será proposto o desenvolvimento de habilidades para a escrita da letra cursiva e aperfeiçoando assim alguns erros ortográficos, auxiliando também nas dúvidas referentes ao uso das letras do alfabeto.

Em relação à escolha de trabalhar as fábulas, deve-se pelo fato de serem textos breves já que possuímos pouco tempo hábil para a docência, e também por ser textos onde encontramos lições de vida, ensinamentos e práticas morais, podendo assim associar essas questões com a vida cotidiana de cada criança, trabalhando de maneira interdisciplinar. As fábulas também propagam os diferentes tipos de gênero literário que se deve desempenhar na educação básica.

3.2 IMPORTÂNCIA DA RESIDÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTES

A formação continuada, conforme Libâneo (2004) refere-se a programas de educação, pesquisas, congressos, cursos, encontros, palestras entre outros. Dentro desta ótica, podemos referenciar a Residência Pedagógica como um projeto significativo para a formação docente. Ainda Libâneo (2004), ressalta sobre as dificuldades de se educar fora da realidade concreta, contudo esse processo é corriqueiro no âmbito escolar.

Sabe-se que geralmente a formação inicial é fragilizada diante das situações impostas pela prática docente, já que a mesma é realizada somente próxima ao término do curso e ainda recorrente a carga horária insuficiente. Para tanto Costa e Fontoura (2015, p. 164) trazem a importância da docência quando afirmam que:

O período inicial da docência não apenas significa um momento de aprendizagem do ofício de ensinar, em função do contato com alunos. Significa, também, um importante momento de socialização profissional, da inserção na cultura escolar, da interiorização das normas, valores institucionais, preceitos, comportamentos, procedimentos. Algo que se efetiva no local de trabalho do professor e, por acontecer na escola, propicia o desenvolvimento de competências profissionais.

A Residência Pedagógica nos aproxima da realidade docente, sendo assim, possibilita uma prática mais eficaz perante aos processos de ensino-aprendizagem. Ainda convém ressaltar, que as reuniões, encontros e reflexões proporcionados pela RP, nos trazem um apoio em relação aos sentimentos de insegurança que aparecem no início da docência.

Entretanto, muitos professores quando estão em ação ficam preocupados com seu desempenho profissional e o processo de ensino e aprendizagem das crianças, no entanto muitas vezes não encontram uma orientação profissional para esse momento. Neste momento podemos perceber a importância da Residência pedagógica, pois a mesma nos possibilita essa troca de saberes com nossas professoras e preceptores, ajudando-nos, orientando-nos, esclarecendo dúvidas e trazendo sugestões, sugerindo ideias que até então não tínhamos pensado, enriquecendo nosso trabalho e tornando a aprendizagem das crianças bem mais prazerosa.

A troca de saberes e essa ação compartilhada entre professores, alunos e preceptores na RP possibilitam a reflexão sobre nossa prática docente, a construção de

Revista Gepesvida

uma valorização e ética profissional e acima de tudo nos proporciona uma formação continuada, pois estamos em constante aprendizado.

3.3 A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM SÃO JOSÉ

A Universidade nos proporciona subsídios teóricos e o estágio traz a prática como ponto principal, essa relação entre teoria e prática é de extrema importância para nós enquanto futuros pedagogos. Com base na relevância dessa relação, Poladian (2014, p. 1) afirma que:

Esse espaço, se bem planejado, tendo objetivos claros e sendo contemplado em uma estrutura curricular que possibilite que essa articulação seja feita, dá ao estudante a vivência da profissão e oportunidade para que a teoria possa ser significada, além de desenvolver importantes habilidades de um professor reflexivo.

Sabendo dessa importância, novas alternativas e dinâmicas que aproximam a teoria e a prática vão sendo criadas, surgindo uma oportunidade de tornar a ação pedagógica mais significativa para os acadêmicos. Segundo Poladian (2014) o Programa de Residência Pedagógica desenvolvido pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) se apresenta como uma iniciativa bem-sucedida, possibilitando uma aproximação entre os espaços formativos da escola com a universidade, proporcionando a formação inicial de professores em Pedagogia.

A parceria entre Universidade, escola e município é interessante para ambas as partes. O Centro Universitário Municipal de São José em conjunto com o Programa Residência Pedagógica contribui para as soluções de problemáticas encontradas no ambiente escolar, ligados à formação docente. Em decorrência disso, nota-se que a melhoria nas práticas pedagógica conseqüentemente leva a um aumento nas notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), trazendo progressos para o desenvolvimento municipal. Simultaneamente o município vem oportunizando a universidade por intermédio da escola levando a concretização desse projeto.

O Programa de Residência revelou-se um avanço na formação dos futuros professores, uma vez que ele delega à escola ações que apenas podem acontecer num espaço real de prática profissional. O fato de as escolas estarem cientes desta atribuição e trabalharem conjuntamente com a universidade na orientação dos residentes, apontando aspectos que podem melhorar a qualidade da sua ação pedagógica e nas devolutivas da prática, reforça o papel formador

Revista Gepesvida

da escola e dos professores experientes e acrescenta qualidade ao processo formativo dos estudantes de Pedagogia. (POLADIAN, 2014. p.11).

Podemos observar que, além da RP contribuir com a formação acadêmica, ela também traz significâncias para o local no qual é desempenhada, pois a Instituição é bem assistida pelos acadêmicos, sendo assim, conduz a novas possibilidades de trocas de saberes. A devolutiva que acontece no final de cada processo, favorecendo para o melhoramento do programa, por meio de reflexões, questionamentos e soluções de problemas que vão acontecendo no decorrer do processo.

4 OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA E AÇÕES PEDAGÓGICAS

As observações são de grande importância, pois por meio delas podemos conhecer a turma com a qual iremos realizar a nossa ação, analisar suas características, interesses, conteúdos que estão sendo abordados no momento, entre outras análises que subsidia a docência.

Conseguimos perceber ao longo das observações participativas que a turma do segundo ano do ensino fundamental apresentava grande dificuldade no processo de alfabetização, principalmente na leitura e escrita de letras de forma. É verdade que os índices de analfabetismo infantil vêm diminuindo no Brasil, mas, também, temos crianças que continuam vivendo experiências de fracasso nos anos iniciais (MORAIS, 2012). Essa ideia está representada nos relatórios da *Avaliação Nacional da Alfabetização de 2014*, em que apresenta que 67% dos estudantes participantes estavam concentrados nos níveis 2 e 3 de leitura, ou seja, cerca de 30% ainda não tinham atingido o maior nível de proficiência leitora.

A realidade vivida na RP é de crianças que só conseguiam copiar e entender a escrita do quadro se estivesse em letra de forma. Caso a professora resolvesse escrever qualquer palavra com letra cursiva às mesmas não conseguiam copiar e nem ler. Notamos que mesmo em letra de fôrma a grande maioria das crianças apresentavam muitas dificuldades para a leitura. Por isso, somos favoráveis da BNCC quando propõe que na educação infantil as crianças já deveriam ter contato como mundo letrado. Essa ideia também é compartilhada com Moraes (2012) quando defende que:

Revista Gepesvida

[...] a escola pública precisa iniciar, no final da Educação Infantil, um ensino que permita às crianças não só conviver e desfrutar, diariamente, de práticas de leitura e produção de textos escritos, mas refletir sobre as palavras, brincando, curiosamente, com sua dimensão sonora e gráfica. (MORAIS, 2012, p. 116).

A professora realizava ao longo da manhã outras atividades envolvendo matemática, artes e história. Mesmo sabendo destas outras possibilidades, resolvemos em conjunto dar um enfoque maior na língua portuguesa e trabalhar ela de maneira interdisciplinar com as demais disciplinas, já que nosso foco era alfabetização.

Estudamos autores que voltavam suas pesquisas para o processo de alfabetização e o uso da escrita e leitura baseadas em Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Projeto Pró-Letramento e a Base Nacional Comum Curricular. A partir deste fio condutor, planejamos e replanejamos nossas ações para melhor atender e contribuir com o aprendizado das crianças, para tanto resolvemos focar na implementação da letra cursiva, pensando nisso, buscamos diversas informações sobre o tema proposto, atividades diferenciadas e, ao mesmo tempo, divertidas e lúdicas com o objetivo de facilitar esse processo. A primeira proposta foi praticar a escrita em letras cursiva, tornando algo familiarizado para as crianças.

De acordo com Brasil (2008), a escrita exige além de capacidades cognitivas, competências motoras, que demanda conhecimento e treino. A cada início de aula as crianças foram convidadas a escreverem palavras com letras e formas diferentes, a fim de compreender a diferença e a utilização das letras. Corroborando com essa ideia, Brasil (2018) traz em sua capacidade/competência perante a alfabetização, o domínio das convenções gráficas, tais como: letra maiúscula, minúscula, cursiva e *script*.

Paralelamente trouxemos as fábulas como colaboradora do nosso projeto de intervenção que trabalha de maneira interdisciplinar o incentivo da escrita e leitura. Entretanto, primeiramente falamos sobre o gênero literário fábula, questionando-os sobre o que eles sabiam sobre e fizemos considerações acerca da mesma, posteriormente, a fábula começou a fazer parte do processo de alfabetização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a relevância do processo de alfabetização para o segundo ano do ensino fundamental, já que conforme a nova resolução da BNCC de 2017, as crianças desta turma já devem sair alfabetizadas, ou seja, ler e escrever fluentemente. Para tanto desenvolvemos um trabalho voltado para esse processo, pensando em atividades que oportunizam um melhor contato com as letras, e que facilitasse o entendimento das crianças, conseqüentemente promovendo uma melhora significativa tanto para leitura quanto para escrita.

A alfabetização é um tema de extrema importância e que deve ser trabalhado independentemente da idade. Possuímos inúmeras pessoas adultas e idosas que não tiveram a oportunidade de estudar, sendo considerados analfabetos funcionais ou completamente analfabetos conforme dados do IBGE do ano de 2017, que mostra um Brasil de 11,5 milhões de pessoas analfabetas com quinze anos de idade ou mais, segundo o módulo: Educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). (VEJA, 2018).

Podemos perceber aqui a importância desse tema, tanto para o meio acadêmico, quanto para a sociedade, ou seja, prática da leitura e escrita como potencializador de crescimento pessoal, acadêmico e profissional dos sujeitos. A escola é o espaço adequado para desenvolver habilidades e competências voltadas para a leitura e escrita, e o professor deve ser o mediador nesse momento, desenvolvendo assim o processo de alfabetização com sucesso. Acreditamos que esta é a melhor ferramenta para modificar e melhorar os índices não só no Brasil, mas em todo o mundo.

Pensando em tudo isso desenvolvemos nosso projeto voltado para esta área de conhecimento, sabemos que tivemos pouco tempo e que o processo de alfabetização é algo árduo e que deve ocorrer de maneira contínua, porém realizamos diversas atividades e momentos onde acreditamos ter alcançado nosso objetivo. A partir do referente artigo, pode-se concluir uma defasagem no processo de alfabetização da turma do segundo ano, porém, seria necessária para uma ampliação do tema referido, uma pesquisa em outras turmas, no caso o 1º 2º e 3º para investigar o processo de alfabetização da escola em questão.

Revista Gepesvida

A RP foi muito significativa, nos proporcionando apoio em todos os momentos. Partindo dos conceitos teóricos, observações, planejamentos e reflexões, que se mantinham perante encontros entre acadêmicos, professores e preceptores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Pró - Letramento**: Programa de formação continuada de professores dos anos/ séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/150630AlfabetizacaoeLetramento.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BROERING, Adriana de Souza. Imagens do lado de cá: a creche e o estágio entre ações, conquistas e aprendizagem. In: SEARA, Izabel Christine; DIAS, Maria de Fátima Sabino; OSTETO, Luciana Esmeralda; CASSIANI, Suzani. **Práticas pedagógicas e estágio**: diálogo com a cultura escolar. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008. P. 117-130.

COSTA, Luciana Laureano; FONTOURA, Helena Amaral da. Residência pedagógica: criando caminhos para o desenvolvimento profissional docente. **Revista @mbienteeducação**, v. 8, n. 2, p. 161-177, jan. 2018. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/523>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GATTI, Bernadete Angelina. A atratividade da carreira docente no Brasil. **Estudo e Pesquisas Educacionais**, São Paulo, n1, p.139-209, maio 2010.

LIBÂNEO, Carlos José. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2008.

Revista Gepesvida

POLADIAN, Marina Lopes Pedrosa. **Estudo sobre o Programa de Residência Pedagógica da UNIFESP**: uma aproximação entre Universidade e Escola na formação de professores. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16141>. Acesso em: 15 nov. 2018.

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **PIAGET VYGOTSKY WALLON**: teorias psicogenéticas em discussão. 27. ed. São Paulo: Summus, 1992.

VEJA. **Brasil tem 11,5 milhões de analfabetos, diz IBGE**: número representa 7% da população com 15 anos ou mais. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tveja/giro-veja/brasil-tem-115-milhoes-de-analfabetos-diz-ibge/>. Acesso em: 17 nov. 2018.

WEFFORT, Madalena Freire (Org.). **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995.

Data da submissão: 17-08-2019

Data da aceitação: 16-12-2019